



Apropriações do outro, modos de devorar

A noção de devorar está culturalmente fixada à imagem do outro. É, por excelência, um gesto bárbaro, que exclui de seu campo de sentido a ordem, a etiqueta, a sutileza e a delicadeza, significados que costumam gravitar em torno do mundo civilizado.

Antes de tudo, a devoração põe em cena, diante da força irresistível do devorador, uma aparente fragilidade do objeto a ser devorado, seja ele uma simples porção de alimento, ou o próprio indivíduo, tomado aqui como alimento, condição vislumbrada por Hans Staden entre os índios Tupinambás. A fragilidade, entretanto, é apenas aparente. O fenômeno da antropofagia é simbolicamente justificado pela necessidade de incorporação de uma força atribuída ao outro. Hans Staden não se deixou devorar, pelo contrário, inversamente devorou a cultura tupinambá em seus registros em texto e gravura que lhe conferiram fama em toda a Europa no século XVI.

Também no mito grego, Cronos devora seus filhos para, ao final, ver-se castrado/devorado pelo filho caçula, Zeus, numa narrativa mitológica que revela um momento da devoração dos mitos da Grande Mãe pelas nascentes versões dos mitos do patriarcado. São muitos os registros culturais da devoração, e muitas suas camadas simbólicas.

Neste sentido a devoração do outro não deve ser imaginada a partir de relações unidirecionais, mas sobretudo dialógicas. Assumindo assim um alto nível de complexidade, tal imagem pode ser tomada como referência para descrever com propriedade a dinâmica dos processos comunicacionais e culturais independentemente de sua circunscrição geográfica e temporal. É justamente este o desafio da revista Ghrebh ao eleger como tema "Apropriações do outro, modos de devorar".





No campo da Comunicação, as formas de devoração se multiplicam, seja no fenômeno da iconofagia (as imagens que nos devoram), sejam nas constantes devorações presentes nos processos de intertextualidade e interculturalidade. Ora devorados, ora devoradores, cúmplices aqui, emboscados ali, seguimos recriando a "cadeia alimentar" do imaginário cultural.

Esta edição da Revista Ghrebh-, que conta com valiosos artigos de autores aos quais agradecemos a contribuição (e com um texto especial de Dietmar Kamper na seção *Memória*), tem como intenção justamente aproximar diversos olhares acerca de como se dão essas mútuas devorações presentes nas esferas da Comunicação e da Cultura, tecendo um canto paralelo aos tambores dos rituais canibais do mundo acadêmico.

Os editores

Alberto Klein - Universidade Estadual de Londrina

Malena Segura Contrera - Universidade Paulista

